

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Apresenta

SÉRIE
“MÚSICAS DO BRASIL”

Agosto 2

Canto do povo do lugar

Pena Branca & Xavantinho

Agosto 15

Carinhoso

Paulo Moura (saxofone) e Clara Sverner (piano)

Setembro 20

O piano de Villa-Lobos, Nazareth e Jobim

Marcelo Bratke (piano)

Outubro 18

Quarteto clássico e popular

Quarteto de Brasília

Novembro 27

Poema retirado de uma notícia de jornal

Celine Imbert (soprano) e Maria José Carrasqueira (piano)

Dezembro 18

Um violão bem temperado

Cristina Azuma (violão) e Celso Machado (percussão)

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

SALA RUBENS SVERNER

Promoção



PENA BRANCA E XAVANTINHO

José Ramiro Sobrinho (Pena Branca) - criado em Uberlândia-MG, ainda pequeno aprendeu no cavaquinho do pai a tocar *de orelha* as primeiras notas que em pouco tempo seriam transportadas para a viola.

Ranulfo Ramiro da Silva (Xavantinho) - criado em Uberlândia-MG, outro garoto curioso, que como o irmão, encontrou na música uma forma de vida natural e sem fronteiras. José Ramiro e Ranulfo Ramiro deram duro na roça com os pais e mais cinco irmãos. Pena tocava viola e tratou de convencer o Xavantinho a formar a dupla e foram inúmeras tentativas de trabalhar exclusivamente com música.

Mudaram-se para São Paulo na expectativa da vida artística e, em 1980 inscreveram, no Festival MPB-Shell da Rede Globo de Televisão a música "Que Terreiro é Esse?" composta pelo Xavantinho e classificada para a final.

No mesmo ano a dupla lança o primeiro LP/K7 "Velha Morada" (WEA/Rodeio). Algumas músicas tem destaque nas rádios: "Cio da Terra (Milton Nascimento/Chico Buarque)", "Calix Bento (tema folclórico com adaptação de Tavinho Moura)" e "Velha Morada (Xavantinho)".

Em 1981 com várias participações no programa "Som Brasil" apresentado por Rolando Boldrin e, passando a participar dos shows de Rolando Boldrin e Ranchinho por todo o Brasil.

Em 1982 Rolando Boldrin produziu o segundo LP/K7 "Uma Dupla Brasileira", posteriormente lançado em CD (Som Brasil/RGE), com destaque para "Memória de Carreiro (Juraílides da Cruz)", "Rama da Mandioquinha (Elpidio dos Santos)". Neste ano, Pena Branca, Xavantinho e Milton Nascimento cantaram pela primeira vez juntos a canção "O Cio da Terra" no programa Som Brasil. Nasceu uma amizade musical que resultou em várias apresentações juntos: programa Chico & Caetano, participação no show de Milton no Teatro Municipal do Rio de Janeiro na entrega do prêmio Shell ao compositor, em Curitiba-PR em comemoração aos 30 anos da Anistia Internacional, Embú das Artes-SP, e outros.

Em 1987 lançam "Cio da Terra" o terceiro LP/K7 (Continental) com participação de Milton Nascimento, Marcus Viana e Tavinho Moura. Vários sucessos como "O Cio da Terra (Milton Nascimento/Chico Buarque)", "Cuitelinho (tema folclórico com adaptação de Paulo Vanzolini)", "Vaca Estrela, Boi Fubá (Patativa do Assaré)", "Peixinhos do Mar (tema folclórico com adaptação de Tavinho Moura)", "Canoa do Rio (Renato Teixeira)", "Moda e Viola (Moniz)".

Em 1988 lançam "Canto Violeiro" o quarto LP/K7 (Continental) com participação de Raimundo Fagner, Tião Carreiro, Almir Sater, Oswaldinho do Acordeon. Destaque para "Penas do Tiê (tema folclórico com adaptação de Raimundo Fagner)", "Calix Bento (tema folclórico com adaptação de Tavinho Moura)", "Mulheres da Terra (Xavantinho/Moniz)", "Eu, a Viola e Deus (Rolando Boldrin)". Em 1990 o quinto LP/K7 "Cantadô de Mundo Afora" (Continental) com treze canções reunidas com o mesmo propósito de sempre; cantar o Brasil e um pouco mais da cultura de seu povo. Destaque para "Amor de Violeiro

(Rolando Boldrin)", "Felicidade (Lupicínio Rodrigues)", "Casa de Barro (Xavantinho)", "Chua... Chua (Ary Pavão/Pedro Sá Pereira)", "Mazzaropi (Jean/Paulo Garfunkell)". No final deste ano, participaram ao lado de Milton Nascimento do especial de Roberto Carlos na Rede Globo de Televisão.

Em 1991 participam, ao lado de Caetano Veloso num grande show ecológico de Milton na enseada de Botafogo no Rio de Janeiro. Neste ano são agraciados pelo Prêmio Sharp de Música, categoria regional com os prêmios "Melhor Dupla", "Melhor Música - Casa de Barro (Xavantinho/Moniz)", "Melhor Disco - Cantadô de Mundo Afora". Participação nos especiais de final de ano: Leandro e Leonardo na Rede Globo e, Milton Nascimento na Rede Bandeirantes de Televisão.

Em 1992, de uma participação no projeto "Via Paulista" do SESC Pompéia de São Paulo, ao lado de Renato Teixeira, nasceu um show que percorreu várias cidades do Brasil. Diante do sucesso, a Kuarup Discos lança "Renato Teixeira & Pena Branca e Xavantinho ao Vivo em Tatuí" CD/LP/K7. A gravação recebeu os prêmios: Sharp "Melhor Disco" e, APCA Associação Paulista dos Críticos de Arte "Melhor Disco".

Em 1993 a dupla lança o sétimo CD/LP/K7 "Violas e Canções" (Velas). A dupla mescla canções e toadas a batuques e folia de reis, sem esquecer as modinhas e o cateretê. Uma emocionada homenagem a Caetano Veloso, gravaram uma versão de "O Ciúme"; de Mário de Andrade "Viola Quebrada"; resgate da antológica "Uirapurú (Murilo Latini/Jacobina)"; "A Estrada do Sertão (João Pernambuco Hermínio Bello de Carvalho)"; "Sertão e Viola (Xavantinho)". Neste ano a dupla apresentou dois circuitos nos Estados Unidos, realizando shows em New York, New Jersey, Pompano Beach, Miami, Framinghton e Boston.

"Ribeirão Encheu" é o oitavo registro, CD/K7 (Velas-1995), e estará nas lojas no final do mês de junho de 1995.

Gravado no estúdio Bemol em Belo Horizonte, tem a produção de Tavinho Moura e Geraldo Vianna, e a participação dos músicos: Tavinho Moura, Geraldo Vianna, Jairo Lara, Magrão, Túlio Mourão, Paulinho Carvalho, Gê Lara e Lemão (vocal), Ivan Corrêa.

A dupla seguindo o trabalho coerente que sempre caracterizou seus discos, resgatando canções do folclore brasileiro, caipiras e músicas de importantes compositores, sempre trazendo arranjos criativos e delicados.

"Ribeirão Encheu" traz gravações de "Sodade Meu Bem Sodade (Zé do Norte)", "Ribeirão Encheu - tema folclórico adaptado por Tavinho Moura", "No Dia em Que Vim-me Embora (Caetano Veloso/Gilberto Gil)", "Luar do Sertão (Catulo da Paixão Cearense/João Pernambuco)", "A Mulher e o Mar (J. Maranhão/Paulo César Pinheiro)" e "Estrelada (Milton Nascimento/Márcio Borges)" e canções inéditas "Cantiga das Rosas (Moniz)", "Fiquem Com Deus (Dominguinhos/Oliveira)", "Velho Catireiro (Pena Branca e Xavantinho)", "Chaleira do Alto da Poeira (Tavinho Moura/Fernando Brant)", "Congo (Tadeu Franco/Marco Antonio Martins)", "Oração de Camponês (Xavantinho)" e "Joga na Bandeira (Wagner Tiso)".

Quarta-feira, 02 de Agosto às 21 horas

CANTO DO POVO DE UM LUGAR (Caetano Veloso)
CALIX BENTO (Folclore mineiro - adaptação Tavinho Moura)
CUTELINHO (Folclore Mato Grosso - adaptação Paulo Vanzolini)
VACA ESTRELA, BOI FUBÁ (Patativa do Assaré)
RANCHO TRISTE (Xavantinho)
TRISTE BERRANTE (Adauto Santos)
SANTOS REIS (Folclore mineiro - adaptação Ely Camargo)
ROMARIA (Renato Teixeira)
LAVOURA E SONHOS (Joel Marques)
O CIO DA TERRA (Milton Nascimento/Chico Buarque)
A ESTRADA DO SERTÃO (João Pernambuco/Hermínio Bello de Carvalho/Wilson Rodrigues)
BEIRA-MAR (Folclore mineiro - adaptação Frei Chico)
VIOLA QUEBRADA (Mário de Andrade)
JARDIM DA FANTASIA (Paulinho Pedra Azul)
EU, A VIOLA E DEUS (Rolando Boldrin)
QUEBRA DE MILHO (Tom/Manuelito)
LEILÃO (Hekel Tavares/Juraci Camargo)
CANTIGA CAICÓ (Folclore - Adaptações: Música: Heitor Villa-Lobos,
Letra: Milton Nascimento/Teca Calazans)
MARINGÁ (Joubert de Carvalho)

Participação Especial:

- **Antonio Carlos Carrasqueira** - flauta
- **José Ventura dos Santos** (Kapenga) - violão de doze cordas
- **Paulo Putini** - baixo
- **Dinho Nascimento** - percussão

Direção Artística: J. Jota de Moraes

Direção Cênica: Naum Alves de Souza

Pena Branca e Xavantinho mantêm viva uma das riquezas fundamentais da cultura de um povo, a sua memória. É ela que ajuda a dar substância à identidade de uma comunidade, auxiliando o povo do lugar a encontrar sentido nos seus feitos, no seu jeito, no seus gestos. Reviver a experiência passada e fazer viver mais intensamente o presente - aí está um dos papéis fundamentais da memória, essa janela aberta para o passado. Mas que é também espaço de intercomunicação com o presente, porta de acesso à própria identidade de um povo. (Povo sem memória, é povo sem história, sem personalidade própria, povo sem vitalidade e à beira de uma possível dissolução).

Pena Branca e Xavantinho preservam, através do seu trabalho - a arte é sempre útil na sua aparente inutilidade a maneira de pensar e de sentir do lado mais interiorano da nossa população. E muitos de nós nos identificamos com o seu canto exatamente porque ele nos ajuda a lembrar, a trazer de volta ao momento que vivemos, algo que fazia parte de nós, da nossa própria história, e que estávamos quase a esquecer.

As reminiscências e lembranças habitam nossa memória. O cheiro da mata, o barulho do vento, o repouso a beira d'água, o pedido de conselho ao amigo ou à natureza, a prece de arrependimento, a declaração de amor à amada quase sempre ausente - tudo isso ressoa na música de

Pena Branca e Xavantinho. E essas recordações vêm à tona no que a dupla canta: as cenas de roça, das praças das pequenas cidades, do desolado do campo, de encontro e do desencontro amoroso. E ainda, a saudade, a solidariedade, a dor da perda, a alegria do próprio cantar. E mais: o rio e a rosa, o riso e a rolinha, a romaria e os romeiros - imagens que irrigam o fundo das coisas. Pena Branca e Xavantinho reanimam a gente através da música, essa que é uma das formas mais misteriosas e também mais poderosas de mexer com a matéria da memória. E é interessante que as lembranças evocadas e refeitas presente pela música da dupla não se prendem apenas ao lugar de onde eles vieram, o sul de Minas. Saindo do campo e indo para a cidade e, depois, para a capital de um outro Estado, eles intuíram que os seus sentimentos eram comuns aos de muitos outros habitantes de outras regiões do Brasil. Assim, muito naturalmente, abriram o seu repertório para as manifestações regionais de outros lugares, concretizando um sentimento de brasilidade de maneira ampla, nada paroquial. Nisso, eles vêm ajudando a redesenhar o mapa da geografia sonora do nosso país. (...)

J. Jota de Moraes

(Revista Globo Rural, novembro/94)